ISSN 2357-9854 | e-ISSN 2596-3198 (online)

Processos de ensino/aprendizagem em artes visuais: experiências vivenciadas com os discentes da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Rosangela Marques de Britto
(Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém/PA, Brasil)

RESUMO — Processos de ensino/aprendizagem em artes visuais: experiências vivenciadas com os discentes da Universidade Federal do Pará (UFPA) — O artigo apresenta reflexões acerca dos projetos educativos e de pesquisa realizados nos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. O estudo objetivou compreender as experiências de aprendizagem dos discentes em duas disciplinas laboratoriais. A pesquisa-ação de cunho qualitativo, envolveu cerca de 83 discentes, três docentes e um bolsista. Destaca-se a interface dos processos de ensino/aprendizagem com a pesquisa, focando nos relatos da docente e dos/as discentes. Ao final, observou-se a relação teoria e prática e as etapas de criação, leitura da obra de arte e contextualização no trajeto de Ensino/Aprendizagem das disciplinas.
PALAVRAS-CHAVE
Artes Visuais. Arte-Educação. Ensino-Aprendizagem. Ensino Superior.

ABSTRACT — Teaching/learning processes in visual arts: experiences experienced with students of the Universidade Federal do Pará (UFPA) — The article presents reflections on the educational and research projects carried out in the Bachelor's and Bachelor's Degree in Visual Arts course at the Universidade Federal do Pará. The aim of this study was to understand the students' learning experiences in two laboratory disciplines. Qualitative action research involving approximately 83 students, three teachers and one scholarship holder. The interface stands out the interface of the teaching/learning processes with the research, focusing on the reports of the teacher and the students. At the end, it was observed the relationship between theory and practice and the stages of creation, reading of the work of art and contextualization in the teaching/learning path of the disciplines.
KEYWORDS
Visual arts. Art-Education. Teaching-Learning. Higher Education.

RESUMEN — Procesos de enseñanza/aprendizaje en artes visuales: experiencias vividas con estudiantes de la Universidade Federal do Pará (UFPA) — El artículo presenta reflexiones sobre los proyectos educativos y de investigación realizados en los Cursos de Licenciatura y Bachillerato en Artes Visuales de la Universidad Federal de Pará. El estudio tuvo como objetivo comprender las experiencias de aprendizaje de los estudiantes en dos asignaturas de laboratorio. La investigación-acción cualitativa involucró cerca de 83 estudiantes, tres profesores y un becario. Se destaca la interfaz de los procesos de enseñanza/aprendizaje con la investigación, centrándose en los informes del docente y de los alumnos. Al final, se observó la relación entre teoría y práctica y las etapas de creación, lectura de la obra de arte y contextualización en el camino de Enseñanza/Aprendizaje de las asignaturas.
PALABRAS-CLAVE
Artes visuales. Arte-Educación. Enseñanza-Aprendizaje. Enseñanza superior.

O problema e os projetos de pesquisa e educação

Este artigo visa à divulgação da pesquisa em Ensino/Aprendizagem[1] realizada no âmbito da Arte-Educação[2] e versa sobre a reflexão crítica do Ensino/Aprendizagem em Artes Visuais como ação processual, que requer pesquisa sobre a aprendizagem dos/as discentes no ensino superior para qualificar as ações de ensino. A investigação teve como objetivo compreender as experiências de aprendizagem dos/as discentes em duas disciplinas: Laboratório de Fundamentos da Pintura e Laboratório de Experimentação Bidimensional, dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais[3], da Faculdade de Artes Visuais (FAV)[4] da Universidade Federal do Pará (UFPA)[5], buscando evidenciar o significado político da Educação e da Arte, em suas intensidades diferenciadas, tendo como *locus* social o lugar de fala dos interlocutores da pesquisa.

A pesquisa foi entrelaçada ao ensino como ação político-estética, a partir do Projeto Educativo intitulado "Processos de Criação, Produção, Ensino/Aprendizagem em Desenho, Pintura e Expressões Bidimensionais na Formação do Professor de Artes Visuais e do Artista Plástico ou Visual no âmbito das Artes Moderna e Contemporânea de Belém (PA), Amazônia[6]", que foi nomeado sob o título de "Espaço do Ócio Criativo". O projeto educativo foi contemplado com recursos financeiros disponibilizados pelo Edital de Apoio à Infraestrutura de Laboratórios de Ensino (Labinfra), ofertado pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG) da UFPA, que faz parte do Programa de Apoio à Qualificação do Ensino de Graduação (PGRAD), no âmbito de uma política institucional que visava à requalificação dos laboratórios de ensino, envolvendo reformas do espaço, aquisição de equipamentos, materiais e insumos, bem como a inclusão de um bolsista para auxiliar o docente, com vigência de três anos.

Ademais, a ideia de "ócio criativo", atrelado ao projeto de educação, é uma forma inovadora de definir o trabalho criativo, segundo o sociólogo Domenico De Mesi (2000), sistematizado em meados da década de 1960. De Mesi demonstra

como a alegria e a satisfação pessoal no cotidiano elevam a criatividade, que, por sua vez, eleva o potencial de imaginação necessário a um melhor desempenho produtivo no trabalho. O autor afirma, ainda, haver formas de convívio com a noção de ócio no mundo ocidental, caracterizando um ócio dissipador, alienante, e outro que nos faz sentir livres, fecundos, felizes, sendo este o ócio criativo, no qual a mente é muito ativa. Desse modo, a proposta de designação do projeto como "Espaço do Ócio Criativo" tem como referência a ideia deste autor, de um "ócio que enriquece é o que é alimentado por estímulos ideativos e pela interdisciplinaridade" (DE MESI, 2000, p. 223-224), associado ao estímulo potencializador das ambiências dos lugares, ou seja, a constituição inventiva dos processos de Ensino/Aprendizagem em Artes Visuais efetivados nas ações realizadas em sala de aula, em áreas externas a ela e nas salas expositivas das galerias, museus e ateliês de artistas plásticos ou visuais. Os processos de Ensino/Aprendizagem em Artes Visuais no nível de formação superior envolvem a educação formal e não formal, bem como a reflexão crítica sobre a experiência vivenciada por docentes e discentes nas suas práticas artísticas, estéticas e pedagógicas, em interface com outras áreas de conhecimento, quando se fizerem necessárias.

Neste contexto teórico-empírico, compreende-se que ser artista/professora/ pesquisadora requer um investimento contínuo em cada uma dessas ações. No caso, ser artista exige o trabalho criativo e produtivo constante; ser professora requer o investimento pedagógico e de educação estética continuada; e ser pesquisadora nos impulsiona aos questionamentos sistematizados acerca do olhar o mundo, numa forma investigativa e sistêmica a partir das "pesquisas em/sobre Artes Visuais" (BRITTES; TESSLER, 2002) e "pesquisa em/sobre Ensino/Aprendizagem" (PIMENTEL, 2014) em Artes Visuais.

Na ação de pesquisadora, reporto-me à análise do lugar da pesquisa em Artes Visuais nos períodos Moderno e Contemporâneo. Iclea Cattani (2002) lembra que as Artes Visuais não é discurso, é ato. A obra de arte é a materialização de gestos, processos e procedimentos no âmbito do pensamento visual. O instrumental

plástico da obra/processo é composto por suportes, cores, linhas, formas, volumes, dentre outros elementos visuais. Esta modalidade de pensamento visual expressa-se por meio dos formantes da forma, da cor e das questões sobre espaço, lugar e suporte. Este pensamento visual guia as duas modalidades de pesquisa *em* Arte (à criação das obras) e a pesquisa sobre Arte (a análise das obras, congregando a História da Arte, a crítica, as teorias da arte e os conceitos de outras áreas do saber). Em ambas as modalidades de pesquisa há apenas a diferença de intensidade deste pensamento visual.

Neste sentido, Sandra Rey (2002) aponta a diferença entre a pesquisa em Arte[7] e a pesquisa sobre Arte, aproximando-se da Arte em seu processo de constituição, como num fluxo. A autora propõe imaginar a nascente de um rio – aí se situaria a pesquisa em Arte, enquanto na desembocadura do rio, no mesmo fluxo – estaria a pesquisa sobre Arte. Ambas realizam trocas e se situam no mesmo fluxo, e chegam a um mesmo destino – o espectador da obra.

Seguindo esta diferenciação, Lucia Pimentel (2014) propõe duas modalidades de pesquisa – sobre o "Ensino/Aprendizagem de Arte e o Ensino/Aprendizagem em Arte". A primeira modalidade é mais complexa, pois tem como objeto a ação em que o próprio pesquisador está envolvido. A pesquisa sobre Ensino/Aprendizagem de Arte pode ter como uma das vias de pesquisa o uso de materiais inovadores para as produções estéticas e artísticas, como as modalidades de pesquisa em/sobre Arte. Estas modalidades de pesquisa em/sobre Ensino/Aprendizagem estão inter-relacionadas em um mesmo fluxo de análises. Para a autora, o "estudo artístico e o estudo pedagógico compõem, sincronicamente, o ponto de partida para a pesquisa em/sobre Ensino/Aprendizagem de Arte" (PIMENTEL, 2014, p.16).

Nesta perspectiva, incorpora-se a identidade de professor(a) de Artes Visuais, a partir da "premissa de que para ser professor de Arte é necessário ter

uma prática artística e atividade de pesquisa", segundo Lucia Pimentel (2011, p. 75). Para a autora, não há dualidade nestas ações do artista/professor:

> O professor/artista faz de suas aulas momentos de criação; o artista/professor faz de sua criação momentos de ensinamentos/aprendizagem. Não há como deixar de ser professor enquanto age como criador e não há como deixar de ser artista enquanto age como ensinador (PIMENTEL, 2018, p. 17).

Em relação ao Curso de Graduação que encampou o projeto educativo, a estrutura curricular dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da FAV/UFPA é composta por quatro núcleos, em especial, no Núcleo de Experimentação de Meios agrupam-se as disciplinas laboratoriais, ordenadas em cinco dimensões relacionadas às linguagens artísticas, em que destaco os Processos Bidimensionais, que contempla as disciplinas: Laboratório de Fundamentos de Desenho (102 horas); Laboratório de Experimentação de Desenho (102 horas); Laboratório de Fundamento da Pintura (102 horas); Laboratório de Experimentação Bidimensional (68 horas), envolvendo três docentes que ministraram tais disciplinas no primeiro e segundo anos dos cursos, cuja duração é de quatro anos.

As salas de aula equivalem a três espaços de laboratórios. Na entrada, foi criado um corredor com painel para a realização de exposições e a vedação desta área foi feita com uma porta de correr em *blindex* transparente (Figura 1). Foram equipados com pranchetas para desenho, mesas, bancos e cadeiras, cavaletes para pintura, bancadas com pia, armários. No prédio anexo, onde estão instalados os laboratórios, foi sistematizado um espaço com mesas, cadeiras, livros, quadro negro, painel com réplicas de obras e obras originais para uso dos discentes dos Cursos da FAV, dentre estes Música, Cinema e Audiovisual, Museologia e Artes Visuais. Vale acentuar que o projeto educativo não se restringiu à reforma ou melhorias da infraestrutura dos laboratórios de ensino, ou seja, aos espaços em si, mas sim a dimensão da importância de estimular a ideia de ócio criativo ou a imaginação e os processos criativos associados ao conhecimento cognitivo em Artes Visuais.

Figura 1 — Acesso aos laboratórios no prédio da FAV/UFPA, 2018



Fonte: Acervo da autora.

Neste sentido, tanto o projeto educativo quanto o de pesquisa buscaram empreender uma abordagem contemporânea em Arte/Educação associada ao desenvolvimento cognitivo e à "Abordagem Triangular" (BARBOSA, 1998), referenciada em outro tópico deste artigo. No que concerne ao desenvolvimento cognitivo, segundo Elliot Eisner (2008), são as capacidades cognitivas que agregam os modos de pensar e agir, tornando-os inseparáveis – pensamento integra o sentimento – as sensibilidades entram no jogo e se refinam no processo. Arthur Efland (2010) refere-se ao domínio cognitivo envolvendo a imaginação, sentimentos e as emoções. Para o autor, a imaginação "é necessária para entender que a imagem visual ou a expressão verbal não são literais, mais sim incorporações de significados a serem percebidos de outra perspectiva" (EFLAND, 2010, p. 342). Lucia Pimentel (2010, p. 224) refere-se à ação da "Cognição

Imaginativa" não como uma metáfora[8] em si, mas a "excelência dos níveis metafóricos de imaginação e seu vínculo estético".

Outrossim, ao argumentar sobre os projetos de pesquisa e de educação, faz-se necessário retomar o seu campo epistêmico referente à Arte, à Arte/Educação e suas relações com a estética e a política. A dimensão estética em Arte diz respeito, dentre outros aspectos, à compreensão sensível-cognitiva do objeto artístico ou bem cultural inserido em um determinado contexto sociocultural. Acrescento que é importante um aprofundamento teórico para que se possa discutir também a abrangência dos fatores culturais e sociais na formalização do pensamento e da ação educativa em Arte. A concepção do artístico relaciona-se diretamente ao ato de criação da obra de arte, desde as primeiras elaborações de formalização dessas obras até o seu contato com o público ou com o sistema da Arte. Enfatiza-se que o fazer artístico (a criação) é a mobilização de ações que resultam em construções de novas formas a partir da natureza e da cultura; é ainda o resultado de expressões imaginativas, provenientes de sínteses emocionais e cognitivas (FERRAZ; FUSARI, 1992a, 1992b).

No que se refere à dimensão política, há diferentes sentidos da dimensão política nas Artes, configurando intensidades políticas específicas (CHAIA, 2019), que, no caso dos projetos educativos e de pesquisa, configuram-se de formas diferenciadas. Esses conceitos de Arte e Política são polissêmicos, porém, entende-se que as dimensões das intensidades políticas nas artes são buscadas no seu poder de gerar conhecimentos, podendo circunscrever uma relação no sentido crítico e transformador, como também de manutenção do poder existente. Por isso que nas escolhas conceituais e práticas, assim como na problematização destes projetos, investiu-se no que Hannah Arendt (2002, p. 8) alerta, de que não existe no homem algo político, mas que a "política surge no intraespaço e se estabelece como relação", sendo que o sentido político baseia-se no pensamento plural, que consiste em pensar no lugar e na posição dos outros, justificando a dimensão de diferentes intensidades do político nas premissas, metodologias,

métodos e escolha de conteúdos para qualificar a ação estética, artística e pedagógica ao encontro do *Outro*, ou seja, a aprendizagem dos/as discentes numa dimensão plural e diversa.

A base conceitual e metodológica do projeto de educação foi sedimentada na compreensão da Arte nas dimensões do fazer, conhecer e exprimir, de forma inter-relacionada, conforme exposto por Luige Pareyson (1989) e na Abordagem Triangular, sistematizada no Brasil por Ana Mae Barbosa em 1980 (BARBOSA, 1998; 2009; 2014; 2018)[9], focada na leitura, na contextualização e no fazer artístico inter-relacionados, sem hierarquização.

Neste sentido, compreende-se que a metodologia é uma ação de escolha do docente, que reflete seus princípios e opções conceituais; sua construção é flexível e depende das relações dialógicas firmadas entre docente e discente em sala de aula, exposto na forma de plano de ensino e detalhado nos planos de unidade e de aula. O método refere-se a um encadeamento de ações cuja aplicação conduz a um resultado planejado.

O objeto de pesquisa foi o processo de Ensino/Aprendizagem das Disciplinas, centrado na análise das experiências vivenciadas pelos/as discentes nas respectivas disciplinas. As questões norteadoras foram: Como se dá o conhecimento em Artes Visuais nestas disciplinas? Que modificações ocorrem nas concepções de ser artista/professor(a)/pesquisador(a) sobre Ensino/Aprendizagem em Artes Visuais como resultado destes projetos de ensino e pesquisa?

A verificação do material coletado foi efetuada por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), inter-relacionando dois planos de exame – um horizontal ou sincrônico dos processos escolhidos de Ensino/Aprendizagem; e outro plano vertical ou diacrônico, remetendo aos acontecimentos, fatos integrados e contextualizados nesses processos de Ensino/Aprendizagem. Os dados foram agrupados por disciplina, ano e turma, inquirindo as transformações dos planos de ensino ao longo das disciplinas ofertadas anualmente. Foram gerados quadros que

reuniram a autoavaliação referente às atitudes e procedimentos dos discentes e suas avaliações das disciplinas, destacando-se os pontos fortes e fracos, e as sugestões de mudanças. Nos anos de 2017 e 2018, especialmente na disciplina de Pintura, destacam-se as questões subjetivas após o agrupamento por categorias e frequência de citações nas narrativas dos/as discentes quanto à compreensão dos significados e sentidos das atividades ou ações realizadas em seus processos de aprendizagem. Nesta análise, foi possível avaliar se os objetivos e premissas básicas expostas foram alcançados ou não, tendo como referência o olhar crítico dos/as discentes.

Foram traçados cinco objetivos e metas do projeto educativo, dos quais o quinto objetivo não foi alcançado, que visava disponibilizar o uso dos laboratórios para a comunidade externa/grupo social do entorno do campus universitário da UFPA. Para alcançá-lo, seria necessária a efetivação de um projeto de extensão para este fim. Os quatro objetivos e metas eram, em síntese: 1. Incentivar os processos de criação e produção de obras de Artes Visuais dos/as discentes, tendo como método a elaboração de *portifólios* e o uso dos Laboratórios; 2. Orientar os/as discentes nos processos de Ensino/Aprendizagem; 3. Investir em infraestrutura didático-pedagógica, reformas/manutenção dos espaços físicos dos laboratórios e aquisição de insumos; 4. Aproximar metodologias de Ensino/Aprendizagem em Artes Plásticas/Visuais às pesquisas artísticas em Arte e sobre Arte, tendo como referente as coleções dos acervos dos museus de Arte de Belém, o diálogo com os artistas locais e a compreensão dos patrimônios ambientais e culturais da cidade (BRITTO, 2019).

A premissa do projeto educativo foi desenvolver com os discentes um repertório visual que viesse a contribuir nos processos individuais de pesquisa em/sobre Artes Visuais. Em sentido lato, as disciplinas têm como competência capacitar os discentes a ver, observar, criar, expressar e comunicar imagens gráficas e pictóricas (representações plásticas), a conhecer os elementos estruturantes de uma obra de arte/informação visual (ponto, linha, forma, cor,

direção, tom, textura, dimensão, escala e movimento) e a sistematizar os processos de criação, expressão e produção individual de obras de arte, utilizando-se desde suportes tradicionais aos contemporâneos, por meio da aplicação de técnicas puras e mistas de desenho e pintura, assim como visa ampliar o repertório visual dos discentes por meio de leituras de obras gráficas e pictóricas de artistas visuais nacionais internacionais.

Outra competência é a contextualização em cada fase ou etapa deste processo, assim como a leitura da produção moderna e contemporânea em Artes Visuais, por meio da realização de visitas técnicas a museus de arte de Belém e/ou a ateliês de artistas plásticos ou visuais paraenses; refletir sobre as experimentações gráficas e pictóricas por meio da análise contínua dos *portifólios*; conhecer e refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem das linguagens gráficas e pictóricas a serem aplicadas em sala de aula e/ou em espaços culturais.

Laboratório de Experimentação Bidimensional

A ementa da disciplina, conforme o projeto político-pedagógico dos cursos, estabelece:

> Apresentar os elementos conceituais, subjetivos, de relação e estruturais da composição bidimensional; Exercitar técnicas de composição bidimensional (composições artísticas); Desenvolver poéticas pessoais baseadas em pesquisas em/sobre artes visuais no âmbito da composição bidimensional (COLEGIADO..., 2007, p. 34).

O plano da disciplina em 2017 foi ordenado em quatro unidades: 1. Interfaces dimensões: Fazer, Criatividade, Concepção e Pesquisa em Arte; 2. Composição no espaço bidimensional; 3. Experimentação das técnicas de comunicação visual aplicada; 4. Leitura crítica da obra de Arte e a pesquisa sobre Arte.

Em 2018, o plano da disciplina passou a ter três itens, no qual a Unidade 4, referida em 2017, passou a transversalizar as três unidades deste novo plano de disciplina. O item 1 passou fazer parte da unidade como subtópico do item 2, que

foi deslocado para ser a Unidade 1 do plano. Este subtópico foi reordenado como Projeto *poético*, tradução, criação, produção e expressão nas linguagens gráficas, pictóricas, colagens, dentre outras técnicas mistas, sendo incluída uma nova unidade, que passou a ser o item 3, intitulado Livro de Artista.

Em 2019, o plano da disciplina foi reordenado para cinco unidades: 1. Criação, criatividade e pesquisa em *poéticas visuais*; 2. Composição no espaço bidimensional; 3. Experimentação das técnicas de comunicação visual aplicada à composição artística no espaço bidimensional; 4. Artistas visitados e processos de criação; 5. Livro de Artista (Figura 2).

Figura 2 — Luana Loureiro. *Sem título*, 2019. Livro de Artista (mista), 20x 120cm



Fonte: Acervo da Autora.

As alterações nos planos de curso das disciplinas fazem parte do processo de pesquisa em/sobre Ensino/Aprendizagem em Arte, após análise do *corpus* da pesquisa de cada período letivo. Ao se iniciar um novo período acadêmico o plano é reelaborado, também a partir do diálogo com os discentes da nova turma. Nesta fase de reelaboração, já se tem a análise das informações geradas na turma anterior. E para o novo plano são considerados os perfis, anseios ou projeções dos/as discentes sobre qual será o impacto da disciplina para eles e para suas respectivas formações. Esta conversação ou sondagem é realizada na primeira aula de cada semestre, sendo que inicialmente é apresentada a ementa da disciplina, o seu propósito e apresentação sobre o meu fazer artístico e como pesquisadora. Na ocasião, realiza-se uma enquete acerca das práticas culturais dos/as discentes, buscando saber se já visitaram exposições e museus, onde moram e se haviam realizado algum trabalho de arte.

Na apresentação da ementa, foram utilizados recursos imagéticos, expondo aos alunos obras de arte de artistas paraenses, diferenciando-as por linguagens. Para alguns, tratava-se do primeiro contato com uma obra de arte. Depois desta conversação, na segunda aula foram apresentados o plano da disciplina, o cronograma de execução e as definições dos textos básicos para leitura. Também informamos sobre o processo de avaliação continuada da disciplina e a elaboração de *portifólios*, explicitando os vários tipos de *portifólios*. Ao final do período acadêmico, no fechamento avaliativo da disciplina, apresentou-se novamente o plano da disciplina conforme executado, pois ao longo da sua realização geralmente há ajustes de conteúdos e atividades.

Em seguida, foram apresentados os resultados da pesquisa, destacando-se a análise de conteúdo da autoavaliação dos 19 alunos da turma de 2019. O formulário foi preenchido por doze alunos/as (Tabela 1). Das cinco questões: 1) Fui assíduo e pontual? A maioria respondeu positivamente (6 alunos/as), o que corresponde a 75% da turma; 2) Li todos os principais textos propostos para a disciplina, anotando dúvidas e comentários? Seis alunos também responderam

positivamente, o que equivale a 75% da turma; 3. Participei das discussões manifestando dúvidas, comentários ou relatos de experiências pertinentes ao tema? As respostas continuaram em 75%, com oito alunos/as, entretanto, a questão de escolha ficou mais bem distribuída; 4. As aulas contribuíram para o meu conhecimento sobre o tema, fosse ampliado e aprofundado, criando e/ou consolidando hábitos de estudo e pesquisa? A maioria, no total de oito alunos/as responderam 100% e quatro 75%; 5. Considero que o meu grau de dificuldade na compreensão dos temas abordados em sala de aula foi da ordem de? A resposta a esta pergunta também variou, sendo que seis alunos/as apresentaram 25% de dificuldades, seguido de três alunos/as que tiveram 50% de dificuldades e três discentes que não tiveram dificuldades no conteúdo da disciplina. A maior frequência de respostas variou em torno de 75% a 100% para as questões de 1 a 4, demonstrando uma boa assimilação da disciplina em relação às atitudes e procedimentos dos/as discentes. Com referência à disciplina, observa-se que houve um alto grau de dificuldade, variando de 25% a 50%, em contraponto aos discentes que não tiveram dificuldades, indicando a necessidade de maior entendimento dos tipos de dificuldade na compreensão dos conteúdos ministrados. Esta questão será enfatizada na análise de conteúdo das respostas subjetivas do mesmo formulário de avaliação.

Tabela 1 — Atitudes e Procedimentos dos Discentes - Avaliação da Turma/2019.

Atitudes e Procedimentos	100%	75%	50%	25%	0%	Total Alunos
1	03	06	03	-	-	12
2	03	06	03	-	-	12
3	02	08	01	01	-	12
4	08	04	-	-	-	12
5	-	-	03	06	03	12
Frequência	**16**	**24**	**10**	**07**	**03**	**-**

Fonte: Acervo da Autora (2019).

Neste sentido, vale destacar alguns pontos fracos e mudanças solicitadas por alguns discentes[10]: “as vezes muita informação de uma vez”; “divisão melhor

do conteúdo de cada aula para melhorar aprofundamento em cada assunto"; "mobiliário duro e desconfortável. Poderia haver maior disponibilidade de material para as aulas". Em síntese, a maior ênfase refere-se ao excesso de informações disponibilizadas em cada encontro, havendo a necessidade de um equilíbrio e/ou ajuste no conteúdo, além do desconforto do mobiliário, o que prejudicou a aprendizagem, como referido por parte do/as discentes.

Outra questão bastante pontuada consiste nos pontos negativos e mudanças solicitadas na disciplina, em que maioria solicitou o aumento das aulas práticas ou atividades artísticas, em detrimento das aulas teóricas: "pouca prática e tempo para produzir"; "maior conteúdo prático e mais visitas a ateliês".

Dentre os pontos fortes, destacam-se os três principais apontados com maior frequência nas respostas analisadas, podendo representar uma ideia geral deste quesito da disciplina: "Ampliar o campo de visão do conteúdo, descobrindo novas formas de compor uma obra, bem como o descobrimento de novos materiais, assim como o conhecimento teórico também foi um ponto forte"; "O ponto mais forte foi trabalhar a minha poética [...] aprender sobre o processo de criação, poética e todo o resto"; "Grande variedade de artistas e obras conhecidas durante o semestre".

Em relação à percepção dos discentes quanto ao impacto da disciplina na sua formação para o Bacharelado em Artes Visuais, os comentários foram agrupados por ordem de maior frequência de pontos correlatos: "A disciplina ampliou minha visão do bacharelado e colaborou de modo positivo em relação à escolha do bacharelado, pois mostrou em sala e na prática as diversas áreas em que se pode seguir no meio da produção em artes visuais"; "Por conta do meu raciocínio, que ficou mais acionado para assuntos relacionados à prática e à teoria também"; "Sim, muito. Porque eu não tinha pensado ainda sobre a minha própria *poética*".

Quanto à avaliação dos discentes em relação às atitudes e procedimentos da docente, as narrativas estão expostas por ordem de maior frequência: “Ótima didática”; “Respeito à identidade de gênero do aluno”. Destas narrativas, há uma que se reporta à relação da pesquisa em/sobre Artes Visuais:

> *Adotou a prática de pesquisa em artistas que tenham artes similares com os discentes, criando uma relação maior e um interesse dos discentes a pesquisa de artistas para melhorar as técnicas, esse foi um dos pontos fortes mais positivos [...]. Tudo isso já faz uma melhoria tremenda nos nossos conhecimentos e essa melhoria poderia ser ainda mais presente para as futuras turmas.*

Observou-se na fala do/a discente a motivação gerada pela sua aprendizagem da pesquisa em/sobre Artes Visuais, destacando-se a preocupação em buscar associar os anseios e a construção do repertório acerca do pensamento visual e da leitura de obras, como um eixo conceitual relacionado às preferências estéticas e artística de cada discente. Neste sentido, as atividades de visitação aos ateliês, exposições e museus nos três anos desta disciplina possibilitaram aos discentes conhecer e dialogar com vários artistas paraenses, como Geraldo Teixeira, em visita ao seu ateliê; Zoca (José Fernandes) nos espaços do seu ateliê – uma fábrica de papel artesanal produzido a partir de fibras e materiais regionais; e ao evento expositivo da mostra coletiva composta por 26 artistas paraenses “A Pintura Vai Bem Obrigada”, realizada em 2017, no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas.

Laboratório de Fundamentos da Pintura

A ementa da disciplina Laboratório de Fundamentos de Pintura propõe: “O conhecimento e utilização de materiais e suportes, pigmentos e instrumentos para a pintura. O desenvolvimento e o estímulo da criação a partir de análise e síntese da forma-cor. O suporte como objeto pictórico” (COLEGIADO..., 2007, p. 34).

Em 2017, o plano da disciplina foi organizado em quatro unidades: 1. “O Contexto Colorístico[11]”; 2. Estrutura da Pintura e a leitura da obra pictórica; 3. A Pintura e seus elementos; 4. Processos/Técnicas de Pintura. Em 2018, mantiveram-se as mesmas unidades, sendo acrescido um item: 5. Utilização

didática da pintura em sala de aula. Em 2019 mantiveram-se as cinco unidades, incluindo um subtópico na Unidade 1, que já era explanado em sala, mas não estava incorporado ao plano da disciplina: 1.5. Gêneros da pintura e a pintura na contemporaneidade da historiografia da Arte.

Os processos de elaboração e/ou reelaboração do plano da disciplina seguiu a mesma premissa dialógica com os/as discentes, ou seja, a partir das avaliações analisadas das disciplinas ministradas nos semestres anteriores. É significativo informar que os equipamentos como cavaletes de pintura, bancos com encosto e insumos foram adquiridos pelo projeto e fornecidos aos alunos para uso e experimentação nos laboratórios durante e após as aulas, no contraturno dos/as discentes. No caso, as aulas da disciplina eram realizadas no horário da tarde, mas os alunos/as poderiam retornar ao laboratório para continuar a sua prática artística no turno da manhã, três dias por semana, tendo a orientação do bolsista do projeto. Na Figura 3 destaca-se o gesto pictórico e o diálogo silencioso de Rafael Costa com os materiais em seu processo de criação e cognitivo.

Figura 3 — Processo de criação no Laboratório de Pintura da FAV/UFPA, 2019



Fonte: Acervo da Autora.

Os Formulários de Autoavaliação das turmas de 2017, com 25 discentes, foram preenchidos por 16 alunos/as. E da turma 2018, com 39 alunos/as, foram respondidos por 30. Esses 46 formulários foram elaborados com duas questões

subjetivas e uma relativa à avaliação de duas ou três obras produzidas pelo discente. Em um item relativo ao *portifólio*, foi solicitado*:*

> *Avalie seu portifólio, observando o seu estágio na disciplina, ou seja, como chegou a ela – quais conhecimentos e experiências que tinha acerca dos Fundamentos da Pintura e ao final da disciplina. – O que isso mudou ou se mudou? No sentido de aprofundamento de seus conhecimentos, em quais aspectos? Técnicos e teóricos; leitura da obra, dentre outros a serem considerados por você. Dê sua nota e justifique a mesma, abaixo.*

Com esta solicitação, buscou-se compreender a atribuição de valores aferidos pelos/as discentes em relação aos significados e sentidos em relação às atividades/ações realizadas e acerca dos processos de aprendizagem dos conteúdos pontuados no plano da disciplina Laboratório de Fundamentos de Pintura. A partir da análise dos conteúdos, após o tratamento dos resultados e interpretações, foi criada a codificação e categorização, observando-se a inferência de significados e sentidos atribuídos, sistematizados em uma rede de relações. Cinco categorias foram sistematizadas: 1) Ênfase na prática; 2) Equilíbrio da teoria e prática; 3) Teoria e prática numa dimensão vice-versa associada à frequência às exposições; 4) Ênfase na teoria associada à leitura da obra, possibilitando a aprendizagem da técnica; 5) Ênfase na observação do processo criativo e sua colaboração ao avanço do domínio conceitual e à liberdade expressiva.

É possível constatar nos relatos avaliativos do/as discentes os resquícios de suas formações na educação escolar em relação ao processo de ensino da arte na educação básica e na formação superior. Nota-se a dicotomia da relação teoria e prática, ênfase na prática e abordagem tecnicista. Em referência a estas questões, Ana Mae Barbosa (2019) observa a continuidade do modernismo no ensino da arte (expressividade), em convivência com a pós-modernidade em Arte-Educação, que se caracterizou pela inserção da imagem, sua decodificação e interpretação em sala de aula e fora dela.

Das categorias citadas, transcrevo a seguir algumas narrativas do/as discentes[12], no intuito de ampliar as atribuições de valores acerca da

aprendizagem apresentadas em suas próprias palavras, expostas segundo a ordem de maior frequência de aparição e associadas à rede de relações das quatro categorias expostas, que demonstram uma variação de intensidade das prioridades dadas aos conteúdos apreendidos, na interface entre teoria e prática, ora dando ênfase a uma em detrimento da outra ou estabelecendo um ponto de equilíbrio entre estas.

> *Aprendi, desenvolvi e evoluí nas diversas técnicas acerca de pintura.*
>
> *Achei equilibrado os ensinamentos de técnicas e os ensinamentos teóricos, ficando os dois muito fáceis de serem aprendidos.*
>
> *Mudou muito, para mim, cada aula, cada perspectiva em desconstrução de obras artísticas, cada aperfeiçoamento etc. As aulas teóricas e práticas complementaram-se sem deixar-nos confusos ou improdutivos. Portanto, como aluna do 2º semestre e ainda refinando os sentidos artísticos, cada aula foi única e maravilhosa, deixando-me livre para experimentar cada técnica.*
>
> *Leitura (Universo da Arte e Educação do olhar) – campo teórico, depois prática, resultados. Tal liberdade que ao final do curso sinto-me à vontade com o conjunto de materiais trabalhados.*
>
> *Outro ponto de aprendizado foi as visitas às exposições, principalmente as que os artistas estavam presentes para compartilhar um pouco mais de seu conhecimento. Foi desta forma, que novas ideias e formas de pintar surgiram.*

Observa-se nos comentários e no agrupamento das cinco categorias elencadas a partir das narrativas do/as discentes o desenvolvimento das suas capacidades cognitivas (EISNER, 2008), em que o pensamento integra o sentimento/sensibilidade, tornando indissociáveis os modos de pensar e agir. Outro ponto a destacar são as reflexões em relação às suas práticas artísticas, estéticas e pedagógicas experienciadas, em sua maioria, de forma interligada. As narrativas expostas sobre as diferentes aprendizagens do/as discentes se adensam na síntese dos pontos positivos, pontos negativos e mudanças que foram observadas nos formulários de avaliação da disciplina.

Em continuidade, foram formuladas três questões diretas sobre os pontos negativos e positivos. Do total de 64 discentes matriculados nas turmas de 2017 e 2018, 38 alunos responderam. As narrativas foram agrupadas por suas redes de significados e depois ordenadas pela frequência, sendo os pontos positivos destacados na seguinte ordem: 1) Aulas teóricas e práticas associadas às visitas técnicas às exposições; 2) Didática da docente; 3) Disponibilidade de materiais em

sala de aula; 4) O contato com os processos artísticos de artistas locais e a fruição/interpretação das obras. Desta análise de conteúdo, destaca-se a avaliação de um do/as discentes:

> *A professora soube nos direcionar, mas sem tolher nossas perspectivas e essências, nos mostrando onde precisávamos melhorar, mas evidenciou nossos pontos fortes. A personalidade e o carisma ajudaram muito também a criar um ambiente confortável. As visitas também foram maravilhosas, nos colocou em contato com artistas, com experiências incríveis, com lugares que nunca tinha ido antes. Muito obrigado por tudo, foi uma experiência incrível que com certeza mudou nossos olhares no curso e na vida*[13].

Os pontos negativos e as mudanças sugeridas para a disciplina, também agrupadas pela maior frequência, foram: 1) Ter somente aula teórica, sem praticar no mesmo dia; 2) As visitas atrapalharam e apertaram o desenvolvimento de técnicas. 3) Falta de supervisão docente pela quantidade de alunos em cada aula. Nesta sequência, as mudanças sugeridas referem-se a: 1) Aumentar as aulas práticas ou mesmo ampliar a carga horária da disciplina; 2) Orientar melhor para ajudar a superar as dificuldades de execução dos exercícios propostos.

Em síntese, nestes três anos, a disciplina Laboratório de Fundamentos da Pintura possibilitou a realização de visitas a exposições e mostras individuais dos artistas: Armando Sobral e João Cirilo, ambas realizadas em 2017. Em 2018: Armando Sobral, Nina Mattos e Geraldo Teixeira.

A experiência do/as discentes nos laboratórios ou ateliês coaduna-se com a proposta relatada por Fábio Wosniak e Jociele Lampert (2016, p. 261), que interpretam “Arte e Arte-Educação como experiência”. Nos processos de ensino das disciplinas, o laboratório ou ateliê foi considerado o espaço onde se concretiza a relação imbricada da teoria e prática, incluindo-se a reflexão crítica da produção artística, por meio da experimentação e vice-versa.

Abordagem Triangular: relato da experiência de um acontecimento

Neste projeto educacional enfatiza-se a Abordagem Triangular, sistematizada no Brasil por Ana Mae Barbosa (1998), associada ao

desenvolvimento cognitivo, que não se baseia somente na apreensão da forma, mas se amplia no esforço de abertura de se dirigir ao contexto perceptual e contextual. A escolha desta abordagem vem sendo o recurso metodológico norteador do projeto “Espaço do Ócio Criativo”. Outra questão essencial volta-se à mediação (BARBOSA; COUTINHO, 2009) em espaços culturais ou museológicos – ou mesmo à visitação nos ateliês dos artistas visuais e nas galerias públicas e particulares, no intuito de aproximar o discente da crítica da obra de arte/leitura e o conhecimento dos processos de criação e expressão do artista visual. Nesta perspectiva, baseamo-nos em estudos de Robert William Ott (1998) acerca do sistema *Image Watching*, que envolve ações que têm como função preparar a pessoa para os questionamentos críticos.

A sistematização da abordagem triangular ocorreu no Museu de Arte Contemporânea da USP entre 1987 e 1993, onde a mesma deriva em uma triangulação epistemológica, ao designar os componentes do Ensino/Aprendizagem por três ações mental e sensorialmente básicas: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização (BARBOSA, 1998). Segundo Ana Mae Barbosa, a contextualização seria:

> Contextualizar é estabelecer relações. Neste sentido, a contextualização no processo ensino-aprendizagem é a porta aberta para a interdisciplinaridade. [...] É através da contextualização que se pode praticar uma educação em direção à multiculturalidade e à ecologia, valores curriculares que definem a pedagogia pós-moderna acertadamente defendidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)[14] (BARBOSA, 1998, p. 38).

Em síntese, o projeto educativo “Espaço do Ócio Criativo”, iniciado em abril de 2017 e finalizado em 2020, possibilitou-me experimentar ações que envolvem estratégias de mediação e a Abordagem Triangular. As Figuras 4 e 5 mostram duas visitas ao Salão Arte-Pará, realizado pela Fundação Romulo Maiorana no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, em 2017. A mostra contou com duas curadorias: de Paulo Herkenhoff, “A virada do Arte Pará e os museus de Belém”; e de Vânia Leal, intitulada “12 Mulheres Artistas”. A atividade desdobrou-se em

duas visitas: a primeira em 31 de outubro de 2017, que envolveu o conhecimento do Espaço Cultural, em especial a mostra permanente intitulada “Traços e Transições Revisitadas: Arte Moderna e Contemporânea Brasileira”, com curadoria de Marisa Mokarzel, e a mostra do Arte Pará. Na segunda visita, em 11 de novembro de 2017, priorizou-se a visita à mostra temporária com curadoria de Vânia Leal, e o encontro da turma com quatro das doze artistas expositoras.

As avaliações de 10 alunos, dos 18 inscritos na disciplina Laboratório de Fundamentos da Pintura, cuja leitura analítica dos formulários entregues após as atividades nos serviu como marco inicial do processo avaliativo das ações realizadas no período, as questões do formulário incluíram: se o discente já havia visitado o Espaço Cultural Casa das Onze Janelas e o evento do Arte Pará. Caso fosse a primeira vez, que relatasse a sua experiência nesta atividade. Outra questão foi se o discente “considera significativo para a sua aprendizagem na disciplina visitar as exposições de Arte?”. E a outra questão voltou-se às obras de arte em si, quanto à forma e conteúdo: “As obras ou a obra que lhe causou mais impacto? Ou que gostou mais? Ou que lhe causou estranhamento e interesse de pesquisar e saber mais sobre ela?”.

Na primeira questão, relativa a conhecer ou não o museu e o Salão, dentre os cinco discentes, quatro responderam que sim. Entre as razões da visita ou conhecimento do museu: uma foi prestigiar a exposição individual de um amigo e outros três associaram a visita às atividades educativas realizadas pelo próprio Salão. Em termos gerais, os discentes relacionaram as suas respostas aos eventos expositivos realizados no museu, como numa mostra de fotografia, exposição de pessoas conhecidas e ao próprio Salão Arte Pará. Um discente que respondeu negativamente, relatou que:

> *Não tinha visitado, geralmente vinha acompanhada com familiares e passeava no entorno do museu. A experiência de entrar no museu me fez enxergar o valor do nosso acervo, e o quanto o deixamos de prestigiar, deixamos de conhecer de perto o legado de grandes artistas.*

Figura 4 — Professor Neder Charone explicitando os elementos formais constituintes da pintura do artista paraense Osmar Pinheiro, no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, 2017



Fonte: Foto de Diogo Lima.

Figura 5 — Momento do processo de conversação dos discentes com a curadora de uma das salas do Arte Pará, Vânia Leal, e a mediação do crítico de arte Orlando Maneschy e as artistas visuais Daniele Fonseca, Keyla Sobral, Nina Matos e Naiara Jinkins, no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, 2017



Fonte: Foto de Diogo Lima.

Em continuidade às transcrições da avaliação do interlocutor que não havia visitado o museu, ele acrescenta a sua análise sobre a experiência e a obra que mais gostou:

> *Considero positivo, pois analisando os motivos de não ter adentrado antes no museu, pode futuramente ajudar a encontrar formas de atrair o público para dentro do museu.*
>
> *A obra de Evandro Salles, sem data, feita em bico de pena, chama a atenção pela delicadeza e detalhes pacientes da obra.*

Os demais interlocutores, ou seja, os dez que realizaram a avaliação, consideraram significativa para os seus processos de aprendizagem da disciplina a visita à exposição de Artes Visuais. Em suas palavras:

> *Sim, pois o contato visual com as obras é muito importante, nesse momento conseguimos ter contato com a forma de produção das obras.*
>
> *Com certeza, pois nos inspira e são experiências que agregam em nosso crescimento pessoal para vida.*
>
> *Plenamente, a interação com as obras reais dá outra dimensão ao olhar e isso interfere diretamente na aprendizagem. Outro ponto diz respeito ao deslocamento da sala de aula, as aulas de campo são bem enriquecedoras. Nesse sentido, ela quebrou a praxe da sala de aula, dando dinamismo ao aprendizado. Olhar de um outro ponto de vista do conteúdo que está sendo abordado dá aprofundamento ao conhecimento adquirido, tornando as aulas mais interessantes.*
>
> *As visitações são importantíssimas, pois o contato com obras é fundamental para a criação de um repertório visual, além de incentivar a todos da turma a visitar também, até para abrir algumas cabeças.*

Conforme explicitado nos relatos, a descoberta da importância de visitar um museu ou exposição de arte como parte de sua aprendizagem:

> *A experiência de entrar no museu me fez enxergar o valor do nosso acervo, e o quanto o deixamos de prestigiar, deixamos de conhecer de perto o legado de grandes artistas.*

Nas narrativas positivas destacam-se o contato direto com as obras de arte, assim como a sua forma-cor, forma-textura, entre outros elementos do pensamento visual do artista e constituintes da relação forma e conteúdo da obra de arte, como também a importância do deslocamento da sala de aula para a sala de exposição como ato positivo ao processo de aprendizagem do conteúdo da disciplina de Fundamentos da Pintura.

A etapa da leitura das obras foi realizada por ocasião da visita ao Arte Pará. Ao chegarmos ao museu, realizamos a preparação para a visita e leitura das obras e depois seguimos as etapas do sistema de crítica do *Image Watching* (descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando).

A visitação ocorreu em grupo, onde as ações foram realizadas ou exercitadas com os discentes. Após esta etapa coletiva, cada discente escolheu uma obra para fazer uma apreciação mais aprofundada. Neste momento, foi entregue um roteiro com as etapas de observação experienciada no coletivo. Ao final, foi solicitada uma atividade de crítica acadêmica acerca da obra selecionada pelo/a aluno/a, a ser realizada posteriormente. No segundo momento, solicitou-se a interpretação das respectivas obras, por meio da criação de outra obra, assim como a elaboração do memorial sobre as propostas desenvolvidas pelos discentes, porém, não foi possível apresentá-las neste artigo. Nesta fase, como parte do conteúdo da disciplina, foi apresentado o artigo de Analice Dutra Pillar (1999, p.18), que expõe a diferença da cópia para a releitura, sendo compreendida como “um diálogo entre textos visuais, intertextos, podendo nos valer ou não de dados objetivos”.

Considerações Finais

Este artigo inicia expondo uma parte da análise do material pesquisado, que, ao sistematizar os conteúdos e a escrita num processo de isolamento social, motivado pela pandemia da COVID-19, lançou-me a mais desafios de qualificação dessas práticas relacionais em sala de aula, buscando repensar o papel da própria universidade pública e o ensino de Arte após ou na continuidade de diversas e plurais ameaças à Vida no mundo globalizado. Mas, ainda no cenário de pandemia, senti uma profunda saudade das atividades em sala de aula e do convívio com os discentes, que ressoou o prazer e a alegria de ser professora/artista/pesquisadora. Lembro-me de Rubem Alves (2012), que em seu livro “A Alegria de Ensinar” (2012), reporta-se a alguns devaneios *poéticos*:

> Todo conhecimento começa com o sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então dizer uma coisa: *Conte-me os seus sonhos, para que sonhemos juntos!* (ALVES, 2012, p. 87, grifo do autor).

Em suma, o meu sonho é que a ressonância do aprendizado do/as discentes do ensino superior ainda nos impulsione a aprender a alegria de ensinar, identificando as condições facilitadoras dos processos de ensino/aprendizagem de Arte, redesenhando ou transformando as concepções e princípios do espaço da sala de aula intercruzado com os demais espaço da Arte e da Vida, propiciando melhores condições de aprendizagem para um jovem universitário de maneira mais plural, inclusiva e diversa, a partir do culto ao respeito às diferenças e ao diálogo constante entre docente/discente e no seu meio sociocultural.

Como essas experiências teórico-práticas impactaram ou não na aprendizagem dos discentes e em suas formas de ver o mundo da Arte e o cotidiano sociocultural? Questionei-me acerca dos sentidos dessas práticas? Especialmente, quais os sentidos da especificidade do ensino do saber e do saber fazer? Neste caminho, pelo viés da pesquisa em/sobre Arte/Educação, busquei pôr em evidência o significado político da Educação e da Arte, em suas intensidades diferenciadas, do político em interface com a Arte e a Educação, tendo como *locus* social o lugar de fala dos interlocutores da pesquisa, compreendendo que as pessoas envolvidas nessas práticas ou experiências não são neutras. Neste sentido, comungo a afirmativa de Djamila Ribeiro (2019, p. 101), de “que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social”. Neste sentido, o esforço de se colocar em evidência o significado político da educação provocou a fragmentação entre o saber/saber fazer/saber ser, levando a uma cisão do pedagógico (ações próprias dos processos de ensinar/aprender), do técnico (domínio do saber e do saber fazer) e do político (saber ser), na ação pedagógica do ensino superior (LIBÂNEO,1990).

Refletir sobre as experiências relatadas requer pensar sobre o lugar de onde falamos, neste caso, de uma sala de aula de Arte em uma universidade pública

localizada no norte do país. Neste sentido, faz-se necessário pensar nas desigualdades socioculturais, pobreza, racismo, questões de gênero, entre outros aspectos. Ou seja, refletir sobre a experiência de Ensino/Aprendizagem em Arte envolve o *locus* social e, portanto, não se restringe a uma simples troca de ideias, no intuito de encerrar um conflito de qualquer natureza.

Reitero a importância dos aspectos sociopolíticos da Arte/Educação por meio de uma abordagem crítica, que pressupõe a interdependência entre a Educação e as realidades sociais, compreendendo a Educação como uma das manifestações de condições sociais concretas, na realidade brasileira e no ensino universitário em instituições públicas.

Notas

1 O uso da barra na expressão Ensino/Aprendizagem refere-se ao ensino e aprendizagem de maneira imbricada.

2 A Arte/Educação é epistemologia das Artes porque os temas postos em/sobre Ensino/Aprendizagem em Artes são questões que se inserem numa questão mais ampla de construção do conhecimento. A expressão, com o travessão, refere-se à Arte e à Educação de forma imbricada.

3 A Resolução nº 3.615, de 22 de novembro de 2007, aprova a criação dos cursos de Licenciatura Plena e Bacharelado em Artes Visuais. Durante o primeiro ano, o discente cursa as disciplinas curriculares em conjunto para as duas modalidades. A partir do segundo ano deve fazer a escolha por uma ou outra modalidade, até sua conclusão no quarto ano. Os cursos, nas duas modalidades, foram reconhecidos e avaliados pelo Ministério da Educação com o Conceito 4. Em 2019 foi aprovado o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais para atender às demandas da Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, que define as diretrizes nacionais para a formação inicial em nível superior. A primeira turma neste projeto foi iniciada em 2020.

4 A FAV completou 40 anos de existência em 2016. Sua história remonta ao ano de 1976, quando foi criado o Curso de Educação Artística-Habilitação Artes Plásticas, no antigo Centro de Letras e Artes, atual Instituto de Ciências da Arte, tal como o antigo Departamento de Artes é a atual Faculdade Artes Visuais (FAV), após a reforma estrutural-administrativa da UFPA.

5 A área de Artes na UFPA, maior universidade do norte do Brasil, é coordenada pelo Instituto de Ciências da Arte, tendo como subunidades as Faculdades (Artes Visuais e Música) e Escolas Profissionalizantes (Teatro, Dança e Música), assim como o Programa de Pós-Graduação em Artes (Mestrado e Doutorado), além do curso de Mestrado Profissional ligado à rede ProfArtes.

6 Belém é a capital do Estado do Pará, na Região Norte do país. Integra a Amazônia Brasileira, na porção Oriental, juntamente com os Estados do Amapá e Tocantis. A cidade de Belém é composta por 71 bairros, com uma população de aproximadamente 1.499.641 habitantes (IBGE, 2010).

7 A Arte, grafada no singular, reporto-me às Artes Visuais, já o uso do termo no plural (Artes), refiro-me às demais linguagens.

[8] Segundo comentário de Pimentel acerca da obra de Efland sobre a metáfora, ela "aparece em todos os domínios do conhecimento, mas é principalmente em arte onde fazemos as experiências de ações metafóricas da mente como via de construção de sentidos" (PIMENTEL, 2010, p. 224).

[9] Ana Mae Barbosa vem revisando a Abordagem Triangular, conforme exposto em 1998, no livro *Tópicos Utópicos* e em 2009, revisão de dez anos de sistematização da então Metodologia Triangular, que depois foi revista para proposta e como preferência da autora o termo abordagem é o atual. Na 7ª edição do livro *A Imagem no Ensino da Arte* (2014), a autora destaca que a forma triangular não é a mais adequada, cita a figura do ziquezaque. Segundo Ana Mae Barbosa (2018), a contextualização é vista em vários vértices da aprendizagem, no fazer arte, exige-se a contextualização, que é a conscientização do que foi realizado, assim como em qualquer leitura como processo de significação, exige-se a contextualização para ir além da simples apreensão da obra.

[10] Não nomeio os interlocutores, apenas aproximei os conteúdos analisado em relação à frequência de aparição.

[11] Essa expressão refere-se ao termo exposto por Fayga Ostrower (1986), ao orientar o estudo da cor e a importância de contextualização da sua aplicação.

[12] Excluí o nome dos discentes e a turma para preservar a identidade dos interlocutores.

[13] Excluí a identificação dos discentes, visando preservar a identidade dos interlocutores.

[14] Hoje, verificamos uma total desconstrução do campo da Arte/Educação nas Escolas, com as modificações efetuadas pelo Ministério da Educação, em 2017.

Referências

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus, 2012.

ARENDT, Hannah. O que é política? Tradução Reinaldo Guarany. In: LUDZ, Úrsula (Ed.). *O que é política?* 3. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. Uma introdução à arte/educação contemporânea. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/educação contemporânea*: consonâncias internacionais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 11-22.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*: anos 1980 e novos tempos. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. O ensino das Artes Visuais na Universidade. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 93, p. 331-347, 2018. https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180048. Acesso em: 15 jul. 2022.

BARBOSA, Ana Mae. Entre memória e história. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). *Ensino da arte*: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 1-26.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). *Arte/educação como mediação cultural e social.* São Paulo: UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais.* São Paulo: Cortez, 2010.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Portugal. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). *O meio como ponto zero*: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

BRITTO, Rosangela Marques de. *Relatório do Projeto "Espaço do Ócio Criativo"*. Belém: UFPA/FAV/ICA, 2019. (Impresso).

CATTANI, Icleia B. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). *O meio como ponto zero*: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002. p. 37-49.

CHAIA, Miguel. Intensidades políticas na arte: apontamentos. *Aurora:* Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, v. 12, n. 34. p. 25-36, fev./maio. 2019. https://doi.org/10.23925/2019.v34. dossie1 Acesso em: 15 jul. 2022.

COLEGIADO do Curso de Artes Visuais (Org.). *Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais. Proposta de atualização curricular e mudança de licenciatura em educação artística habilitação em artes plásticas para graduação em artes visuais nas modalidades licenciatura e bacharelado*. Belém: UFPA/FAV/ICA, 2007. 56p. (impresso).

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*: entrevista a Maria Serena Palieri. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

EFLAND, Arthur D. Imaginação na cognição: o proposto da arte. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte/educação contemporânea*: consonâncias internacionais. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 318-345.

EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 2, p. 5-17, jul./dez., 2008. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf. Acesso em: 15 jul. 2022.

FERRAZ, Maria Heloisa C. T.; FUSARI, Maria F. R. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1992a.

FERRAZ, Maria Heloisa C. T.; FUSARI, Maria F. R. *Metodologia do ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 1992b.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública*: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola,1990.

OSTROWER, Fayga. Cor. In: OSTROWER, Fayga. *Universos da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1986. p. 234-254.

OTT, Robert William. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p.111-139.

PAREYSON, Luige. Definição de arte. In: PAREYSON, Luige. *Os problemas da estética*. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e Releitura. In: PILLAR, Analice Dutra. (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 9-21.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Fruir, contextualizar e experimentar como possível estratégia básica para investigação e possibilidade de diversidade no ensino da Arte: o contemporâneo de vinte anos. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA Fernanda Pereira da. (Orgs.). *A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuai*s. São Paulo: Cortez, 2010. p. 211-228.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Novas territorialidades e identidades culturais: o ensino de arte e as tecnologias contemporâneas. In: GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio da (Orgs.). *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p. 765-771. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/lucia_gouvea_pimentel.pdf. Acesso em: 3 ago. 2022.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Pensamentos e procedimentos de pesquisa em/sobre Artes. In: ROCHA, Maurilio Andrade; MEDEIROS, Afonso (Orgs.). *Fronteiras e alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade*. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes, 2014. p.15-23.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Práticas artísticas e práticas pedagógicas: praticar o quê, para quê? *Revista Digital do Lav*., Santa Maria. v. 11, n. 2. p. 342-348, maio/ago. 2018. https://doi.org/10.5902/1983734833428. Acesso em: 3 ago. 2022.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). *O meio como ponto zero*: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002. p. 125-140

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

WOSNIAK, Fábio; LAMPERT, Jociele. Arte como experiência: ensino/aprendizagem em Artes Visuais. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 258-273, maio/ago. 2016. https://doi.org/10.22456/2357-9854.62933 Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte /article/view/62933. Acesso em: 3 ago. 2022.

Rosangela Marques de Britto

Artista Visual, desde 1988. Exposições individuais e coletivas. Graduação em Arquitetura pela Universidade Federal Pará (UFPA), em 1988. Mestre em Educação: Ensino Superior e Gestão Universitária pela Universidade da Amazônia (UNAMA), finalizado em 1998. Especialista em Inter Relações Arte Escola pela UFPA, entre 1994 -1995 e a realização do curso de aperfeiçoamento em Docência do 3º Grau realizado na UNAMA, entre 1991-1992. Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/MEC) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCT), cursado no período de 2007-2009. Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UFPA, cursado entre 2010-2014. Atualmente, desde agosto de 2021, está realizando o Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO/MAST, sob a supervisão da Profa. Dra. Diana Farjalla Correa Lima. Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), desde 1996, lotada no Instituto de Ciências da Arte (ICA), no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais e no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV). Associada, Nível 2 a partir de 29 de janeiro de 2020(Portaria nº 951/2020). Ingressa como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes do ICA/UFPA, a partir de outubro de 2017 associada a linha 3, Memórias, História e Ensino de Artes. Docente do Mestrado Profissional — Prof-Artes da CAPES/MEC, na área de concentração em Ensino de Artes, curso de estrutura semipresencial e organizado em rede, participando pelo programa da UFPA. Exerceu o cargo de Diretora da Faculdade de Artes Visuais, biênio 2014-2016, conforme portaria nº 5031/2014. Em, 2019, exerceu o cargo de Vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes, conforme portaria nº 1723/2020, em conjunto com a coordenação do Dr. Jose Afonso Medeiros Souza. Criação em 2017, com Dra. Marisa de Oliveira Mokarzel, do Grupo de pesquisa Arte, Memórias e Acervos na Amazônia, certificado pela UFPA e cadastrado no diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Atuou até 2009, como Técnica em Assuntos Culturais da Fundação Cultural do Pará (Fumbel) da Prefeitura Municipal de Belém lotada no Museu de Arte de Belém; exerceu o cargo de diretora do Museu de Arte de Belém da Fundação Cultural do Município de Belém no período de 1996 - 1997. Assim como, no âmbito da gestão museológica atuou no cargo de direção do Museu do Estado do Pará e do Sistema Integrado de Museus e Memoriais da Secretaria Executiva de Cultura do Estado do Pará no período de 1998- 2006. Filiada 2007 ao Conselho Internacional de Museus (ICOM). Associada a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), desde 2009, vinculada ao Comitê de Patrimônio, Conservação e Restauro, exerce o cargo de suplente. Também, tem vínculo com a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), desde 2012.Fez parte do Comitê de Patrimônio e Museus (2019-2020). Atualmente, na gestão 2021-2022 foi indicada como representante regional da ABA do estado do Pará no Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro. Gestão 2021-2024, integra o Conselho de Administração do ICOM-Brasil. Realiza pesquisa sobre os temas: Ensino/Aprendizagem em Artes Visuais; Musealização; Coleções/colecionismo de Arte Moderna e Contemporânea; Patrimônios e Informação em Arte.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9458-3515
E-mail: rosangelamarquesbritto@gmail.com
Currículo: http://lattes.cnpq.br/3188863381591509

Recebido em 25 de agosto de 2022
Aceito em 27 de setembro de 2022

CC BY